

819/00

1

De:
Oficina-Escola Rosalino Felipe
Rua: Rita Maria de Jesus, 31
Bairro: Angola – Betim – Minas Gerais
CEP: 32630-130
Tel.: (31) 539-2573 / Fax (31) 594-2008
E-Mail: oficinasescola@terra.com.br

Assunto:
Respostas ao anexo II
Fundação Getúlio Vargas
Ciclo de Premiação 2000
Gestão Pública e Cidadania

Data:
15/06/2000

1- Liste os objetivos e especifique as metas mais importantes do programa, projeto ou atividade, por ordem de prioridade.

Diante da realidade de Betim:

- Taxa de crescimento anual em torno de 7%.
- Vinte mil imigrantes por ano.
- Crescimento populacional de 84 mil em 1980 para 300 mil em 1999.
- 70% da população pobre vivendo em favelas.
- Milhares de jovens sem ocupação sadia:

Em 1993, instituímos a Oficina-Escola com a missão de acolher esses jovens marginalizados e recuperar os móveis escolares para suprir o déficit causado pela abertura de seis mil novas vagas. Assim o fizemos. Em Janeiro de 1997, reafirmamos a nossa missão: *“Acolher adolescentes em situação de risco e ajudá-los a internalizar valores que os habilitem a viver e conviver”*, e firmamos nossa meta e objetivos:

OS OBJETIVOS:

Transformar a missão em ação produzindo resultados é o fim dos objetivos. Um número limitado de objetivos concentra sua atenção em itens importantes que podem ser medidos. Escolhemos os seguintes:

DENTRO DE 04 ANOS (DE JANEIRO DE 1997 A DEZEMBRO DE 2000), NOSSA MISSÃO ESTARÁ MAIS PRÓXIMA DO CUMPRIMENTO SE NÓS TIVERMOS:

- * Oferecido aos adolescentes em situação de risco:
- a) atividades ocupacionais de marcenaria, carpintaria, serralheria, informática, trabalhos manuais (brinquedos pedagógicos, apagadores, porta-canetas, etc.) aproveitando resto de material;
 - b) atividades educacionais;
 - c) atividades de lazer e cultura;

* Mantido os aprendizes na escola;

* Acompanhado os aprendizes junto às escolas;

* Reduzido a repetência para menos de 2%;

- * Proporcionado ao servidor ambiente energizante a partir do sentimento de apropriação do trabalho, solucionado problemas e conflitos de forma coletiva;
- * Capacitado 100% do quadro de servidores no que diz respeito ao crescimento do ser humano e uso da tecnologia moderna;
- * Fabricado e recuperado móveis e materiais escolares;
- * Oferecido aos estabelecimentos de ensino municipais e conveniados, móveis e materiais de qualidade.

Os problemas de repetência e evasão, foram trabalhados em conjunto com a Secretaria de Educação. Algumas causas (que se confundem com os efeitos) estavam fora da atuação da escola: desemprego, falta de moradia, analfabetismo (dos pais principalmente). Depois de modificada a infra-estrutura da escola, e capacitado os professores, a repetência passou de 30% em 1992-1993 para cerca de 11%. Em 1997, a evasão continuou por volta dos 10%. Instituiu-se, então, a Bolsa Escola para eliminar as chamadas causas inerciais. A Oficina-Escola trabalhou dentro deste contexto com um número menor de alunos e a meta foi cumprida em 1999, quando dos 35 alunos apenas 02 foram reprovados. A reflexão que fazemos hoje é sobre a qualidade dessa aprovação. Os nossos dados são fracos para esta avaliação.

2- Descreva o funcionamento do programa, projeto ou atividade e aponte qual (s) a (s) sua (s) frente (s) de atuação.

A Oficina Escola é uma fábrica e uma escola. A sua "metodologia de ensino" é "O OFICINAR". O motor é o plano de ação e o combustível são os desejos (sonhos) e as crenças. Se perguntar em Betim: O que faz a Oficina-Escola? Todo mundo responde: fábrica e conserta carteiras para as escolas. O que mais? Ela recebe esses adolescentes que ficam nas ruas sem o que fazer. Como Funciona? As pessoas de fora não sabem responder e nem entendem como a Oficina, um setor público, consegue reformar e fabricar tantos móveis escolares, conviver bem com esses meninos e meninas e ainda receber funcionários adultos alcoólatras que não são aceitos em outros setores.

3- O programa, projeto ou atividade faz parte de outras iniciativas da mesma ou outras esferas de governo (por exemplo, um projeto que faz parte de um programa geral)? Em caso afirmativo, descreva como se dá esta ligação.

A Oficina Escola é ligada somente à Secretaria Municipal de Educação e Cultura cujo eixo principal é a *INCLUSÃO*. Dentro deste eixo estão o Programa Bolsa Escola, o Centro de Apoio aos Deficientes Auditivos e de Deficientes Visuais, o Programa de Alfabetização de Adultos, a Equipe de Inclusão e Democratização. Trabalhamos em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Social no tocante à triagem e seleção dos adolescentes mais necessitados.

4- Identifique o público-alvo. Quantos são, no momento, os diretamente beneficiados? Que percentual da clientela potencial isto representa? Como é feita a seleção dos beneficiários e como eles participam do programa, projeto ou atividade?

O público alvo são os adolescentes que possam estar ameaçados quanto à sua sobrevivência, seu desenvolvimento pessoal e social e à sua integridade. Em Betim, sabemos que cerca de duzentos adolescentes estão registrados no Fórum sofrendo algum tipo de processo penal. Não temos dados sobre quantas são as meninas de 14 a 18 anos que estão na prostituição e quantos ainda estão sem família e sem escolas. Sabemos, todavia, que a Secretaria Municipal de Educação deve oferecer entre quatro a seis mil novas vagas por ano nas escolas devido ao fluxo migratório e ao crescimento demográfico. Atendemos a quarenta adolescentes considerados em pior situação e estimulamos a

organização, à economia, à articulação com as escolas e ao orgulho que as pessoas têm de estar nela.

Consideramos também nosso público alvo as cinquenta e seis escolas municipais e as dez creches e seus sessenta mil alunos que recebem os moveis que reformamos e fabricamos. Os nossos alunos visitam essas escolas para falar sobre a conservação dos bens públicos, principalmente das carteiras. Outro fórum de sensibilização é a reunião de diretores onde são passados os conceitos do programa SOL/SA (SELEÇÃO, ORGANIZAÇÃO, LIMPEZA, SAÚDE E AUTO-ESTIMA/DISCIPLINA, dos Cinco Sentos Japoneses), e a questão de a própria escola reformar os seus moveis utilizando a mão de obra de seus próprios alunos e da comunidade. Visitamos e reunimos também as famílias e responsáveis pelos nossos aprendizes.

A triagem e seleção são feitas pela Casa Renascer do Sol I da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, em reunião dos candidatos, onde contam suas histórias e escolhem, através do voto, os contemplados com a(s) vaga(s) considerando os sete seguintes critérios:

(1) Tempo de residência em Betim; (2) órfão de pai, mãe ou ambos; (3) composição familiar (número de irmãos menores de 17 anos); (4) condições de moradia; (5) número de cômodos; (6) casa própria; (7) renda familiar; (8) situação de risco; (9) matrícula e frequência em uma escola.

5- Qual é o gasto orçamentário anual do programa, projeto ou atividade? Quais as fontes de recursos financeiro (locais, estaduais, federais, privada)? Que percentual dos recursos financeiros anuais é derivado de cada uma dessa fontes? Que percentual da receita orçamentária total do nível de governo (estadual, municipal, etc.), a que pertence o órgão responsável pela inscrição, é efetivamente utilizado pelo programa, projeto ou atividade?

GASTOS EM 1999:

Administração e instrutores: R\$115.453,00 (cento e quinze mil quatrocentos e cinquenta e três reais);

Cesta básica, alimentação e vale transporte para os aprendizes: R\$57.914,00 (cinquenta e sete mil novecentos e quatorze reais);

Oficina de Informática: R\$12.000,00;

Água, luz, telefone (aproximado): R\$6.600,00;

	R\$12.000,00
	R\$6.600,00
	R\$115.453,00
	R\$57.914,00
TOTAL:	R\$191.967,00

Não incluímos os custos da matéria prima para a fabricação de móveis escolares. Até 1997, a Oficina-Escola havia proporcionado uma economia de um milhão e duzentos mil reais. Para o município.

O montante gasto pelo município com a educação foi de quarenta e nove milhões, correspondendo a 28% do total da receita geral. O gasto da Oficina-Escola corresponde a 0,0004% do total alocado para Secretaria Municipal de Educação.

6- Quantas pessoas estão diretamente envolvidas na operação de seu programa, projeto ou atividade.

7- Indique todas as organizações (públicas e privadas) participantes, descrevendo o papel de cada uma. Explique como estas organizações interagem e de que modo suas ações individuais são coordenadas.

O Programa de Iniciação ao Trabalho da Secretaria de Desenvolvimento Social faz a triagem dos jovens inscritos e os seleciona de acordo com os critérios descritos na questão quatro. Seu papel é descobrir esses jovens e encaminhá-los para o trabalho e para a escola. Discutimos nossas práticas em reuniões periódicas.

Encaminhamos os nossos jovens e adultos ao dentista, ao médico e ao serviço de saúde mental da Secretaria de Saúde, de acordo com as necessidades.

Algumas pessoas da comunidade assumem um ou outro adolescente como padrinhos ou madrinhas afetivos. Está sendo criada, dentro da Oficina-Escola e com o envolvimento de diversas pessoas e setores uma **ONG** para apoiar as iniciativas em favor dos marginalizados.

A Associação de Integração da Criança e do Adolescente recebe a verba da Prefeitura e efetua o pagamento de meio salário mínimo aos meninos.

E as Escolas recebem os alunos e nos munem de informações sobre o desempenho dos mesmos, permitindo, assim, acompanhamento rotineiro sobre vários aspectos.

8- Se seu programa, projeto ou atividade envolve a participação da comunidade e do público-alvo, descreva como esta participação concretiza-se (explique os mecanismos de participação).

Nas reuniões do Orçamento Participativo as pessoas citam a Oficina-Escola como uma iniciativa que deve ser multiplicada.

Nas reuniões quinzenais de diretores de escola, coordenadores de regionais pedagógicos e de programas, detectam os que mais de 70% das escolas já reformam os seus móveis, utilizando material da Oficina-Escola e mão de obra oriunda da própria escola e da comunidade.

A Oficina-Escola tem sua parcela de participação na sensibilização desses dirigentes escolares. Um dos nossos parâmetros estratégicos foi sempre combater o assistencialismo evitando uma política compensatória. As nossas reuniões periódicas com os pais de nossos jovens e com eles próprios são o nosso principal fórum de discussões e implementação dessas idéias.

9- Quando e como foi originariamente concebido o programa, projeto ou atividade? Houve inspiração em iniciativa (s) anterior(es)? Qual (is)?

Frete ao desafio de restaurar carteiras e atender à demanda das escolas, começamos um trabalho simples sem um projeto específico num galpão entulhado com carteiras escolares quebradas. A sua filosofia também é simples e se baseia na convivência humana, como pode se constatar no relato do coordenador do projeto registrado no Livro de Registro da História da Oficina: "Iniciamos esta oficina no início de 1993, chamei o José Evangélico, um servente rotulado como "nó cego", e começamos a trabalhar num espaço de 06 metros quadrados dentro de um galpão todo entulhado de móveis quebrados. Era um cemitério de carteiras velhas e um depósito de lixo. Não se conseguia entrar nas outras salas onde estavam sepultados tornos, plainas mecânicas e outras máquinas e ferramentas que restaram. (...) Não consegui profissionais para começar, apenas os excluídos se

simplesmente disseram que tal projeto não funcionaria, era um trabalho perdido. Olharam para mim como um lunático. Consegui trazer o seu José Maria, um marceneiro já de idade e doente, trabalhava na prefeitura como vigia. Ele emprestou a sua furadeira manual e outras ferramentas. (...) Já em abril, dois meses depois, a Rosimeyre Tupinambá (funcionária da Secretaria de Educação), exclamou meio apavorada: “Isnar, você não vê esses meninos ali naquela tal da casa Menino Legal, nas nossas barbas, sendo presos pela polícia? Por que você não os pega e leva para consertar carteira? Tira esse pessoal da rua!”. Acabei de ouvir e fui direto à Casa Menino Legal. Lá eles comiam, bebiam e saíam para rua para fazer bagunças. Era um sistema caracterizado pelo assistencialismo paternalista. Não sei se a preocupação do povo era com os meninos ou com a bagunça que eles faziam. (...) Não tinha idéia do que era menino de rua – tinha um rótulo – fiquei com medo, mas, acreditava que o único remédio contra o medo era a ação contrária. Assim o fiz. Pedi a D. Iria que mandasse cinco dos mais necessitados para a Oficina. (...)

Os meninos chegaram: Jurandi, Wanderley, Marco Elias, Eduardo e Claudaeny. Fiquei amigo deles. Retiramos o medo – eles se sentiram em casa. Não os pressionávamos e tudo caminhava diferente do que se esperava ou imaginava. Nenhum advogado, promotor ou juiz apontava uma saída sequer para legalizar a vinda dos meninos. Fizemos assim mesmo. Arrumamos escola para eles e pagamos meio salário mínimo mensal pelas quatro horas diárias. A Caixa Escolar pagava o salário e a Secretaria de Educação cada vez mais valorizava o trabalho da Oficina. (...)

No primeiro ano José Evangélico tornou-se o símbolo da Oficina. Ficou conhecido como uma pessoa que se transformou e já tinha auto-estima. (...) Mais meninos foram chegando. Outros servidores se juntaram a nós. Máquinas foram compradas e a quantidade de móveis recuperados e fabricados se avolumavam a cada dia, mês e ano. A Oficina se tornou o símbolo da eficiência dentro de um serviço público já rotulado como ineficiente. Começamos a administrar dentro dos princípios da “Qualidade” priorizando a participação de todos nas decisões e valorizando as idéias de cada um. Todos se sentiam responsáveis. (...)

10- Identifique as etapas-chaves de implementação e como isto evoluiu e se modificou ao longo do tempo. Que incrementos foram sendo realizados desde o início da operação do programa, projeto ou atividade?

No início, sem estrutura e sem credibilidade, era apenas uma idéia sendo gestada.

Não havia amparo legal para os meninos permanecerem na Oficina. Não tinha como remunerá-los. Fizemos então via Caixa Escolar e só em 1995 conseguimos a participação do PINT (PROGRAMA DE INICIAÇÃO AO TRABALHO), que viabilizava a passagem de verba da prefeitura para que uma ONG viabilizasse a assinatura de carteiras de trabalho e pagamento mensal de meio salário mínimo aos aprendizes.

A cultura antiplanejamento e antiavaliação de desempenho era (e é) como um vírus que corroía todo o serviço público onde os funcionários eram (são) premiados pelo tempo de serviço e não pelo desempenho. Este está sendo o maior desafio a vencer. Constatamos que a culpa não era(e) das pessoas, mas do sistema, de todo o processo.

Esta tendência ainda continua e não deixa de ser, ao nosso ver, um gerador de miséria. Atacamos a doença com planejamento leve e participativo, com regras básicas compartilhadas, com sensibilização e com melhoria contínua, vamos da convivência e do ambiente. Fazíamos relatórios chamados de três gerações onde colocamos o planejado, o executado e as proposições para melhoria. Assim fomos crescendo ou, pelo menos, desenvolvendo uma cultura diferente.

11- Descreva os principais obstáculos enfrentados até o momento. Como se lidou com tais obstáculos? Quais deles ainda persistem?

De alguma forma já respondemos esta questão, quando falamos da cultura antidesemprego e antiavaliação, que persiste, principalmente, no serviço público. Entendemos, entretanto, que não existe efeito sem causa e que nosso papel é conhecer esses problemas e atuar dentro de nossas possibilidades.

Sempre fazemos aquelas questões antigas: “O que queremos? Onde estamos em relação ao que queremos? E o que devemos fazer para chegar ao que queremos? Em todas as nossas reuniões semanais, tiramos um cartão plastificado do bolso e lemos e comentamos a nossa missão e os nossos desejos (sonhos, visão).

Outro desafio é vencer a cultura “compensatória”: “este menino não tem pai, não tem mãe, não tem casa...” então, vamos compensá-lo com “este trabalho” “este lugar” “este barraco.”

Outro problema é que os traficantes oferecem muito mais em termos de dinheiro, para que esses jovens sejam seus representantes (temos que competir com eles).

A escola regular também não oferece atração a esses meninos. Eles são muito ativos e têm muita dificuldade em ficar parados numa carteira.

Policianos-nos continuamente para não aproveitarmos da mão de obra desses meninos, por isso damos toda atenção à permanência deles, com sucesso, na escola, e ao envolvimento com as artes e esportes.

Eles gostam de nossa pequena Oficina de Informática. Estamos tentando “humanizar” mais esse setor, dando um sentido diferente ao uso da máquina.

12- Que mecanismos de avaliação estão sendo utilizados para medir o sucesso do programa, projeto ou atividade? Forneça os resultados (quantitativos, qualitativos) do último ano de operação do programa, projeto ou atividade.

- A satisfação dos meninos medida em reuniões e entrevistas e na relutância dos mesmos para não saírem da Oficina ao atingirem a idade limite;
- Ausência de furtos, pichações, violência;
- A boa convivência com os instrutores e pessoas que frequentam a Oficina;
- A diminuição dos estigmas (rótulos) atribuídos aos “meninos e meninas de rua”. Mudanças fortes de paradigmas quase petrificados;
- Economia de recursos públicos através da reforma e produção própria de móveis escolares. Mais de dez mil móveis reformados e outros oitenta mil fabricados durante sete anos, sendo oito mil referentes ao ano de 1999;
- Redistribuição de renda mínima direta e indireta;
- Em 1993 o índice de evasão e repetência nas escolas primárias girou em torno de 36%. Em 1996, o mesmo, já decrescido, girou em torno de 18%. Em 1998, 5%. E em 1999 3,1%.

13- Qual é a mais importante conquista de seu programa, projeto ou atividade até o momento (cite apenas uma; aquela que, na sua opinião, é a mais importante)?

Foi a quebra dos paradigmas dominantes em relação aos meninos e meninas pobres em situação de risco

14- Em que aspectos seu programa, projeto ou atividade inovou em relação a práticas anteriores? Procure explicar bem em que consiste a inovação.

- Foi o primeiro no Brasil, a reformar e fabricar carteiras escolares, utilizando a atividade, em meio turno, para ocupar, socializar e educar os jovens até então sem turno;
- Despertou nas escolas senso de respeito às coisas públicas – antes se quebravam as carteiras, jogavam-nas fora e compravam outras. A oficina-Escola reformou mais de dez mil peças fabricou outras oitenta mil.
- Foi a primeira na cidade a adotar o Programa SOL/SA (Seleção, Organização, Limpeza, Saúde, Autodisciplina/Confiança, com base nos cinco SENSOS japoneses). Essa cultura se esparramou pelas escolas do município causando um impacto cultural com relação ao lixo, ao belo, ao meio ambiente.

15- Mesmo que seu programa, projeto ou atividade não focalize especificamente a questão da pobreza, como você avalia seu impacto sobre esta questão?

Entendemos que a injeção de meio salário mínimo mais uma cesta básica mensal às famílias; a aquisição de habilidades pessoais com a possibilidade de o indivíduo gerar renda e prover o seu sustento; a escolarização; a vinculação da participação na Oficina à frequência escolar contribuem decisivamente na diminuição da situação de pobreza desse segmento.

16- Qual o impacto do programa, projeto ou atividade sobre a cidadania (por exemplo, em questões de direito, gênero, raça ou etnia)?

Os alunos vivenciam a possibilidade de inclusão independente de cor, raça, gênero, história. A prática de elaboração de regras básicas de forma compartilhada, onde os alunos percebem seus direitos e deveres, decidindo se devem ou não tampar os buracos do barco...

17- Caso seu do programa, projeto ou atividade já tenha participado do PROGRAMA GESTÕES PÚBLICAS E CIDADANIA anteriormente, qual a diferença que ele apresenta nesta ano em relação aos outros anos?

Não, nunca participou.

18- Qual é a mais significativa deficiência do programa, projeto ou atividade?

Estrutura que atende poucos, dentro de um universo tão grande. A todo momento mais um pede vaga. Ficamos tristes em saber, sem sentimentos de culpa, que quatro dos nossos ex-alunos voltaram ao crime e à prisão. Cremos, todavia, que a semente do bem germinará lá na frente quando o clima ficar propício. O nosso trabalho é cultivar o terreno e mantê-lo úmido .
Falamos do “**AFFETO**”, a grande deficiência nossa neste início de milênio.